

Escola, Jornalismo e Comunidade

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.180.22>

Sandra Marinho

Professora e investigadora
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais,
Universidade do Minho, Braga, Portugal
<http://orcid.org/0000-0003-2013-229X>
marinho@ics.uminho.pt

O jornalismo é para as pessoas e deve ser sobre as pessoas. Serve para dar-lhes voz, pelo menos de duas formas: tratando temas que lhes interessam e concedendo-lhes também espaço nas notícias – como protagonistas ou como fontes. Ora, é preciso descobrir estas histórias. Para isso, um jornalista tem de ser atento e curioso em relação ao mundo à sua volta – o mundo maior (uma região, um país, a União Europeia, o planeta) e o mundo que o rodeia, a sua comunidade. Tem de ser um bom observador, para identificar os acontecimentos que podem ser boas histórias. Mas também tem de saber interagir com os membros da comunidade, que podem dar ideias sobre potenciais temas e sobre novos ângulos para abordar tópicos já noticiados.

Mas, Afinal, o que É uma Comunidade?

Uma boa forma de percebermos o que é uma comunidade é a partir da sua definição nos dicionários. A Infopédia/Porto Editora (s.d.) propõe significados que contemplam palavras muito relevantes: *participação* em *comum*; conjunto de pessoas que vivem num determinado *território*, sob um governo *comum* e *partilhando* uma herança cultural e histórica; *lugar* onde vivem estas pessoas; conjunto de indivíduos organizados de forma *coletiva* ou unidos por algum traço comum. O Dicionário Online de Português (s.d.) acrescenta outras dimensões interessantes: de forma mais restrita, uma comunidade também pode ser um agrupamento de pessoas com a *mesma* profissão, ofício ou atividade e também o conjunto daqueles que, *embora vivam em lugares ou países diferentes*, *partilham* a mesma história, cultura, hábitos, economia ou política.

Destaca-se destas definições que, ainda que a comunidade remeta no imediato para a partilha de um lugar ou território físico, essa poderá não ser uma condição essencial:

peças em lugares distintos podem partilhar interesses comuns, o que fará delas também uma comunidade – ou seja, pode tratar-se de um território ou lugar virtual. E a sua interação – não ocorrendo em presença – pode valer-se das ferramentas proporcionadas pelo online e pelo digital. Essencial é a ideia de que os membros de uma comunidade partilham características ou interesses, que são o que os agrega, mantendo-se – ainda assim – pessoas diversas no que diz respeito a outras características. Ora, tudo isto deixa-nos perceber que uma comunidade pode ser fonte de inúmeras histórias para um repórter.

Então, Qual É a Comunidade da Escola?

Na verdade, devemos falar em comunidades e não em comunidade. No imediato, temos a comunidade escolar. Estudantes, auxiliares e professores são membros óbvios: são quem frequenta quotidianamente o espaço da escola. Mas não são os únicos: encarregados de educação e famílias não têm essa presença física, mas são parte integrante de tudo o que acontece; e os antigos alunos – muitos a morar em outras terras ou até no estrangeiro – também devem ser considerados. E já temos aqui gente de muitas idades, géneros, etnias, de crenças diversas e várias orientações políticas. Temos a diversidade que deve ser objeto de notícia.

Outra comunidade valiosa é que está imediatamente à volta da escola: as pessoas que habitam o território em que se localiza. E aqui o leque alarga-se: temos os cidadãos e cidadãs – com as suas diferentes profissões, histórias de vida e experiências, dali ou migrantes, vindos de outros lugares – e o coletivo, ou seja, as instituições (como a câmara municipal, as juntas de freguesia, os bombeiros, a polícia, centros de saúde e hospitais, as outras escolas, os órgãos de comunicação locais, etc.) e os clubes e associações de diversa natureza (culturais, desportivas, recreativas, de solidariedade). Esta comunidade local não “vive” na escola, mas relaciona-se com ela, direta e indiretamente. E é também fonte de histórias que podem ser contadas pelo jornalismo escolar.

Finalmente, depois de galgarmos os “muros” da escola, vamos ainda mais longe. Porque cada escola é única, mas faz parte de um conjunto de outras, por todo o país. Certamente partilham preocupações, atividades, ideias. Por que não olhar também para elas, naquilo que têm de comum e de diferente? E será que uma escola da Irlanda não terá uma atividade interessante, que pode ser replicada? Por que não noticiá-la e, quem sabe, inspirar alguma mudança dentro de portas? E não podemos esquecer-nos dos emigrantes, que saíram da comunidade local para tantos países diferentes.

Enfim, parece ser justo dizermos que a comunidade do jornalismo escolar é... o mundo. Mas deixamos uma dica importante, porque há que estabelecer prioridades: a comunidade escolar e local são muito importantes e muito ricas em histórias por contar. Vamos começar por aí.

E que Vantagens Traz a Relação do Jornalismo Escolar com as Suas Comunidades?

A comunidade é essencial para o jornalismo escolar, desde logo como fonte de histórias. Mas o jornalismo escolar também tem um impacto positivo nela. Vejamos alguns exemplos dos efeitos que pode ter esta relação.

O jornalismo escolar pode ajudar a construir e reforçar a identidade da escola, tanto a nível interno como junto da comunidade local. Ao partilhar acontecimentos, eventos, conquistas e projetos, transforma-se num meio de conectar os alunos, funcionários e professores entre si, mas também de fortalecer a relação da comunidade escolar com as famílias e com a comunidade local, que, ao ver no jornal (ou rádio ou televisão) o reflexo dos valores e do ambiente educacional da escola, vai sentir-se mais envolvida. O jornalismo escolar pode, assim, funcionar como uma janela por onde se pode espreitar, para saber um pouco mais sobre a escola.

Este maior envolvimento pode ainda favorecer a criação de uma rede de apoio. Ao serem fontes de histórias, as famílias, os ex-alunos e os membros da comunidade local fortalecem o seu vínculo com a escola e sentem-se mais motivados a participar em eventos escolares ou a contribuir em campanhas de angariação de fundos. Ao dar visibilidade às suas histórias, o jornal reforça a sua ligação com o contexto social e cultural em que a escola está inserida, o que pode também incentivar os alunos a reconhecerem o potencial local e a verem oportunidades para contribuir e participar. Ao abrir espaço para que os membros da comunidade possam expressar as suas opiniões, interesses e preocupações sobre questões relevantes, o jornal incentiva o diálogo entre a escola e a comunidade, funcionando como um mediador.

A comunidade local tem desafios e necessidades que podem ser abordadas pelo jornalismo escolar, incentivando o sentido de responsabilidade social dos estudantes. Cobrir problemas locais, como questões ambientais, sociais ou económicas, é uma forma de mostrar que a escola está atenta à realidade em que se insere. Isto pode até levar à criação de projetos colaborativos com a comunidade, como feiras, campanhas de solidariedade ou eventos culturais, promovendo a participação dos alunos em atividades extracurriculares e estreitando a colaboração com entidades locais. Esses projetos, além de enriquecerem o conteúdo do jornal, demonstram a relevância da escola na promoção do bem-estar e do desenvolvimento comunitário. E permitem que os estudantes se relacionem com a realidade quotidiana e treinem competências como falar em público ou a gestão de projetos.

A comunidade local – a título individual ou ao nível empresarial – poderá ser ainda uma fonte de financiamento para o jornalismo escolar, apoiando com a compra das edições, de publicidade ou com o fornecimento de materiais ou recursos (que podem ser traduzidos também em publicidade). O financiamento é importante para a manutenção de um jornalismo independente e de qualidade e deve ser transparente.

Finalmente, ao documentar a vida escolar e os acontecimentos locais, o jornal cria um acervo histórico, que, com o tempo, torna-se numa referência não só para a

escola, mas para toda a comunidade. Esse registo contribui para preservar a memória coletiva, unindo gerações e valorizando a história e a cultura locais.

E que Tipo de Histórias Traduzem Esta Relação Entre Escola e Comunidades?

São muitas, por isso deixamos aqui apenas alguns exemplos:

- ao noticiar-se os eventos da escola, como por exemplo uma festa de Natal ou uma feira do livro, pode fazer-se uma reportagem que acompanhe a organização, montagem e desmontagem, retratando o contributo de toda a comunidade escolar nesse processo, mais as famílias, empresas e instituições locais que tenham colaborado;
- entrevistas (também podem ser crónicas ou artigos de opinião) com ex-alunos, mostrando o seu percurso com histórias diferentes (podem ser da comunidade local ou pessoas que tenham ido morar para outras cidades ou países) e salientando a forma como a escola foi importante na sua vida, podem ser inspiradoras para os estudantes;
- mostrar (com entrevistas ou reportagens) as diferentes profissões que existem na comunidade local, nomeadamente casos particulares como ofícios em extinção ou novas profissões, pode abrir horizontes aos estudantes sobre o seu percurso profissional;
- se a escola colabora com instituições de solidariedade social, como a Cruz Vermelha ou o Banco Alimentar, com associações de defesa do ambiente ou dos animais, pode fazer-se uma reportagem sobre essas atividades;
- se na comunidade local há migrantes – de outros locais do país ou de outros países – ou pessoas refugiadas, podem ser entrevistadas e partilhar as suas histórias, as suas experiências e a forma como estão a integrar-se;
- num dia de eleições, pode fazer-se uma reportagem para perceber o que leva as pessoas a votar e a participar na vida política;
- no Dia da Árvore, pode fazer-se uma reportagem numa serra próxima, incentivando um projeto de colaboração entre a escola e o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, de maneira a que os estudantes fiquem a saber mais sobre a prevenção de incêndios;
- se há infiltrações de água no pavilhão desportivo da escola, um buraco no caminho ou há falta de livros na biblioteca, é preciso noticiá-lo, porque são temas que interessam à comunidade escolar e à comunidade local;
- se há escritores, artistas ou personalidades de relevo na comunidade local pode ser-lhes dado espaço (numa entrevista, se estiverem vivas) ou lembrá-las numa crónica ou num artigo de opinião.

E Como Sair da Escola Para a Comunidade Local?

É importante pensar em formas de tornar o jornalismo escolar acessível à comunidade. Para além da distribuição na escola, deve ser distribuído em locais públicos e sítios de comércio local (se for um jornal em papel), mas também digitalmente. É importante que, por todas as vias possíveis, seja devolvido à comunidade local o resultado da sua participação. Com a disseminação das edições, a escola mostra transparência e abertura, ganhando credibilidade.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do financiamento UID/00736: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Referências

Dicionário Online de Português. (s.d.). *Comunidade*. In dicionário *Dicio.com.br*. Retirado a 7 de julho de 2025, de <https://www.dicio.com.br/comunidade/>

Porto Editora. (s.d.). *Comunidade*. In *Infopédia*. Retirado a 7 de julho de 2025, de <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/comunidade>